

Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Serão as crianças igualmente felizes? O papel da etnia, sexo e ano escolar no bem-estar subjetivo em crianças e adolescentes

Joana Margarida Vinagre Baião

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientadora:

Doutora Joana Celeste Dias Alexandre, Professora Auxiliar, ISCTE – Instituto
Universitário de Lisboa

Setembro de 2014

Serão as crianças igualmente felizes? O papel da etnia, sexo e ano escolar no bem-estar subjetivo em crianças e adolescentes

Joana Margarida Vinagre Baião

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientadora:

Doutora Joana Celeste Dias Alexandre, Professora Auxiliar, ISCTE – Instituto
Universitário de Lisboa

Setembro de 2014

Agradecimentos

Pretendo agradecer, em primeiro lugar, à minha orientadora, a Prof.^a Doutora Joana Alexandre. Sem o seu otimismo, persistência, perseverança e interesse neste trabalho, dificilmente teria conseguido atingir este objetivo.

Seguidamente, à Prof.^a Doutora Liliana Fernandes, agradeço todo o apoio dado, desde facultar o instrumento que adaptou à nossa realidade, à ajuda que prestou na construção da base de dados.

À minha mãe, agradeço todo o apoio incondicional que me deu nesta fase, abdicando do seu serão e da sua infinita paciência para me apoiar no desafio que foi escrever esta tese.

Aos diretores dos Agrupamentos de Escolas que participaram neste trabalho, agradeço toda a disponibilidade, atenção e apoio dados no desenrolar do mesmo.

À Prof.^a Cândida Madureira, o meu enorme obrigado por tudo o que fez por mim ao longo destes anos. Sabendo que não se encontrava bem, tudo fez para me ajudar.

À Prof.^a Teresa Capela agradeço toda a preocupação que demonstrou no decorrer do presente trabalho, mas também, o cuidado em garantir que toda a recolha se efetivava e seria feita de forma organizada.

À Prof.^a Graça, agradeço-lhe a prontidão com que respondeu à minha solicitação para recolha de dados às suas turmas.

À minha irmã, agradeço o constante apoio mesmo em terras canárias. Nunca te esqueceste de mim e do meu trabalho, mesmo quando o teu não se encontrava a decorrer da melhor maneira. Obrigada princesinha!

A ti, Luís Medeiros, agradeço a totalidade de construção desta tese. Se não fosse a tua preciosa ajuda, não sei em que pé estaria. Por outro lado, agradeço-te também pelo enorme apoio que me deste, por não me teres deixado ir abaixo nas fases críticas e por teres partilhado comigo a tua experiência de alguém que já tinha feito a sua tese. Pelo teu apoio incondicional e extrema calma, que por vezes é irritante, o meu maior obrigado.

Catarina Carapeta, minha gaja, obrigada por me fazeres rir quando os meus cabelos estavam prestes a serem arrancados. O teu divertimento, riso e animação fizeram com que escrever e pensar a tese se tornasse mais fácil.

Ao Marco e à Ana agradeço toda a prontidão com que me ajudaram na construção deste trabalho e pelo incentivo que me deram nos bons e nos maus momentos.

Ao Fábio Pinto agradeço o sorriso, a boa disposição e a forma como me animaste e apoiaste em todos os momentos desta fase quase crítica que foi a escrita da tese.

A TODOS O MEU MUITO OBRIGADO!

Resumo

Nos últimos anos, têm merecido particular atenção estudos que procuram comparar o bem-estar subjetivo de crianças em diferentes países, recorrendo-se a instrumentos comuns que permitam essa comparação. O presente trabalho visa avaliar o bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes a residir em Portugal, em função da sua etnia, sexo e ano escolar, com recurso ao instrumento elaborado pelo *Children's Worlds – International Survey of Children Well-Being*. Para o efeito, foi conduzido um estudo quantitativo com 331 crianças brancas e negras, de 3.º (N=56), 5.º (N=142) e 7.º (N=133) anos de escolaridade de escolas públicas da área metropolitana de Lisboa. Os resultados indicam que, em termos gerais, a etnia influencia todas as dimensões de bem-estar consideradas (bem-estar familiar, material, relacional, ligado às relações interpessoais, associados à segurança e satisfação com a zona de residência, e bem-estar em contexto escolar), sendo que são as crianças negras, por comparação com as brancas, as que percecionam menores níveis de bem-estar. Em geral, são as crianças mais novas que expressam menor bem-estar, no entanto, este efeito é habitualmente acompanhado por um efeito de interação com a etnia (são as crianças mais novas, negras, aquelas que expressam menor bem-estar). Verifica-se também a existência de um efeito de interação entre etnia e sexo no sentido em que mostra que são as meninas negras que expressam menor bem-estar relacional. Os dados serão discutidos à luz das teorias existentes sobre esta temática.

Palavras-chave: crianças, adolescentes, bem-estar subjetivo, etnia

Domínio científico PsycInfo: 2800 Developmental Psychology, 3040 Social Perception & Cognition

Abstract

In the recent years, have received particular attention studies that pretend to compare the subjective well-being of children in different countries, resorting to common tools to this comparison. The present study, aims to assess the subjective well-being of children and adolescents living in Portugal, according to their ethnicity, gender and school year, using the instrument developed by the Children's Worlds - International Survey of Children Well-Being. To this end, a quantitative study was conducted with 331 black and white children from 3rd (N = 56), 5th (N = 142) and 7th (N = 133) years of education, of public schools, in Lisbon metropolitan area. The results indicate that, in general terms, ethnicity influences all dimensions of well-being considered (family well-being, material, relational, connected to interpersonal relationships, safety and satisfaction associated with area of residence, and well-being in schools), and are black children, compared with white, those who present lower levels of well-being. In general, younger children are those who express lower well-being, however, this effect is usually accompanied by an interaction effect with ethnicity (are younger, black children, those who express lower well-being). There is also the existence of an interaction effect between ethnicity and gender in that it shows that black girls are expressing less relational well-being. The data will be discussed in light of existing theories on this subject.

Key-words: children, adolescents, subjective well-being, race, ethnicity.

PsycInfo Scientific domains: 2800 Developmental Psychology, 3040 Social Perception & Cognition)

Índice

Introdução.....	1
Cap. I: Bem-estar subjetivo: Origens e Definições	4
1.1. Dimensões do bem-estar subjetivo	6
1.2. Bem-estar subjetivo em crianças	7
1.3. Preditores do bem-estar subjetivo	9
1.3.1. Fatores Internos/Individuais	9
1.3.2. Fatores Económicos e Sociodemográficos	9
1.3.3. Cultura e Etnicidade	12
1.4. Objetivos.....	14
Cap. II: Método	16
2.1. Metodologia.....	16
2.2. Participantes	16
2.3. Instrumento.....	16
2.4. Procedimento.....	20
Cap. III: Resultados.....	22
3.1. Determinantes do bem-estar familiar	22
3.2. Determinantes do bem-estar material.....	22
3.3. Determinantes do bem-estar relacional	23
3.4. Segurança e satisfação com a zona de residência.....	24
3.5. Bem-estar em contexto escolar.....	24
Cap. IV: Discussão	26
Bibliografia.....	28

Índice de figuras

Quadro 1.1: Componentes do Bem-Estar Subjetivo	5
Quadro 2.2.1: Distribuição do sexo dos participantes pelos anos de escolaridade.	22
Figura 3.2.1: Perceção da distribuição média dos bens materiais segundo sexo e etnia da criança/adolescente.....	23
Figura 3.3.1: Distribuição média da perceção de bem-estar relacional por rapazes e raparigas inquiridos.....	24
Figura 3.5.1: Distribuição do bem-estar escolar em função da etnia e ano escolar da criança	25

Introdução

A pesquisa em torno do bem-estar dos indivíduos tem sido feita partindo de duas grandes linhas de pesquisa: uma centrada em indicadores objetivos, mais universais, e uma ligada a indicadores psicológicos (Royo & Velazco, 2005). Dentro da primeira linha, pensava-se que os indicadores mais objetivos/materiais (ex., rendimentos, recursos educacionais a que a criança tem acesso) seriam suficientes para uma clara avaliação do bem-estar, mas tal não se verificou: Easterlin (1974), naquele que é considerado um estudo clássico sobre esta temática, verificou que apesar de num mesmo país as pessoas com mais rendimentos serem mais felizes do que as pessoas com menores rendimentos, esta tendência não se verificava aquando da comparação entre diferentes países. No entanto esta questão continua em claro debate (Stevenson & Wolfers, 2013).

Embora se verifiquem relações positivas fortes entre o bem-estar material e o bem-estar subjetivo - i.e., aquele que é observado e aquele que é percebido – é cada vez mais consensual a importância de contemplar nos estudos uma avaliação mais subjetiva, que inclua indicadores que permitam avaliar como é que as pessoas pensam e sentem a sua vida no geral. Nesta linha, importa referir que o bem-estar subjetivo é um constructo complexo, multidimensional, que contempla uma componente avaliativa (satisfação com a vida ou felicidade), uma componente experiencial ou afetiva (afetos positivos e negativos) (Bradshaw, Martorano, Natali, & Neubourg, 2013). Relativamente à análise do bem-estar subjetivo, os domínios de análise mais consensuais têm sido a escola, família, relação com a vizinhança, saúde, entre outros.

No que ao bem-estar subjetivo em crianças e adolescentes diz respeito, este tem sido um tópico de pesquisa com um crescente interesse, particularmente desde a Convenção dos Direitos das Crianças de 1990, promovida pela UNICEF, a qual marcou um ponto de viragem em termos daquela que era a perceção sobre a infância: as crianças deixaram de ser vistas como passivas no seu processo de desenvolvimento e passou a considerar-se fulcral aceder à opinião que as mesmas detêm sobre aspetos da sua vida e sobre o mundo em geral (UNICEF, 2007).

Do ponto de vista da psicologia, trata-se de um tópico de pesquisa de grande relevância: por um lado, pelo papel que os primeiros anos de vida têm para um desenvolvimento saudável dos indivíduos ao longo do seu desenvolvimento e, conseqüentemente, na idade adulta, e, por outro, porque a pesquisa tem verificado que a

capacidade de resiliência das crianças/adolescentes face às adversidades é claramente influenciada pelo modo como se sentem (Bradshaw et al, 2013)

À semelhança da pesquisa com adultos, o século XXI tem sido pautado por uma preocupação sistemática em avaliar o bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em diferentes países, procurando compreender-se esta questão através de análises internacionais comparativas (Bradshaw et al., 2013). Esta preocupação tem conduzido à elaboração de diferentes instrumentos de medida. O projeto internacional *Children's Worlds – International Survey of Children Well-Being* (ISCWEB), é um desses exemplos e visa recolher dados sobre bem-estar subjetivo com esta população, e a nível mundial, que permitam influenciar os decisores políticos internacionais, europeus, e de cada país envolvido. Presentemente, o estudo encontra-se a ser realizado no Inglaterra, Espanha, Israel, Alemanha, Colômbia, Estónia, Etiópia, Argélia, Nepal, Noruega, Polónia, Roménia, África do Sul, Coreia do Sul, Portugal e Turquia, sendo que no ano de 2015 se prevê a participação da Argentina, Malta e País de Gales¹.

O presente estudo insere-se dentro do projeto supracitado, constituindo-se como uma primeira análise de bem-estar subjetivo numa amostra de crianças e adolescentes residentes em Portugal, feita através do instrumento elaborado no âmbito do ISCWEB.

Ainda, a literatura tem procurado encontrar determinantes do bem-estar subjetivo em crianças e adolescentes: a idade, o sexo e etnia, têm sido alguns deles. Neste sentido, a literatura parece indicar que o bem-estar subjetivo diminui com a idade (Bradshaw, et al., 2011, Fernandes, Mendes, & Teixeira, 2013), sendo geralmente mais elevado em crianças ditas brancas do que crianças com outra pertença étnica (Bradshaw, Keung, Rees, & Goswami, 2011). Mais concretamente, num estudo efetuado em Inglaterra, verificou-se que as crianças de origem indiana reportaram níveis de bem-estar pessoal e material mais elevados que as restantes em análise. Já no que toca ao bem-estar pessoal as crianças de origem paquistanesa e do Bangladesh são as que apresentam menores níveis (Pople, et al., 2014). Também nos EUA, através dos estudos de Moore (2008) se verificaram diferenças em função da etnia, mais concretamente, as crianças brancas não hispânicas são as que apresentam níveis de bem-estar mais elevados, quando comparadas com as negras e hispânicas. Quando se comparam apenas as crianças negras com as hispânicas, verifica-se, no entanto, que as do segundo grupo são as que, em termos gerais, apresentam maiores níveis de bem-estar. Em

¹ Coordenação do projeto em Portugal a cargo da Prof.^a Doutora Liliana Fernandes, da Universidade Católica do Porto, fazendo parte da equipa nacional a Prof.^a Doutora Joana Alexandre, dos CIS/ISCTE-IUL e o Prof. Doutor Paulo Dias da Universidade Católica de Braga.

Portugal apenas um estudo contemplou não a variável etnia, mas a variável nacionalidade, verificando-se que são as crianças portuguesas, por oposição às PALOP e Brasileiras, as que apresentam níveis de bem-estar mais elevados (Gaspar & Matos, 2008). Esta é uma variável que não deve ser descurada dado o facto de Portugal ser um país multicultural com 417.042 pessoas de origem não portuguesa no ano de 2012 (SEF/Gabinete de Estudos, 2012), tendo sofrido um ligeiro decréscimo de 3,8% da população não estrangeira em Portugal, perfazendo atualmente 401.320 pessoas. Destas, a nacionalidade com maior representação é a brasileira (23%), seguida da cabo-verdiana (11%), ucraniana (10%), romena (9%) e angolana (5%) (SEF/Gabinete de Estudos, 2013).

No que ao sexo diz respeito, a literatura não é consensual: se por um lado alguns estudos evidenciam que existem diferenças entre rapazes e raparigas ao nível da sua perceção de bem-estar geral (Bradshaw et. al, 2011; Fernandes, Mendes, & Teixeira, 2013) outros estudos não as encontram (Bello & Casas, 2013). No entanto, quando analisado em função das dimensões, verifica-se que a perceção de bem-estar entre rapazes e raparigas parece variar: por exemplo as raparigas apresentam maiores níveis de bem-estar na dimensão escola que os rapazes (Bradshaw, et al., 2011), enquanto que os rapazes parecem manifestar maior satisfação com a eles próprios, com a sua aparência e liberdade (e.g., Bello, 2012).

Face ao exposto, em termos mais específicos, o presente estudo consiste, assim, em analisar o papel da etnia, sexo e idade na perceção de bem-estar subjetivo em crianças e adolescentes residentes em Portugal.

O presente trabalho encontra-se, então, dividido em quatro capítulos. Num primeiro capítulo apresenta-se a revisão de literatura efetuada, remontando-se às origens e às diversas definições do conceito de bem-estar, bem como aos principais resultados obtidos nos vários estudos sobre esta temática que têm sido desenvolvidos, sobretudo com crianças e adolescentes. Ainda dentro deste capítulo, pretende-se dar a conhecer as diferentes determinantes que o bem-estar pode ter.

No segundo capítulo, apresenta-se o estudo empírico levado a cabo, explicitando-se o método (participantes, instrumento e procedimento)

No terceiro capítulo procede-se à apresentação dos resultados obtidos, e, por último, no quarto capítulo, será feita a discussão dos resultados, a apresentação de algumas limitações e sugestões para pesquisas futuras, bem como implicações teóricas e práticas decorrentes desta pesquisa.

I. Bem-Estar Subjetivo: Origens e Definições

Para se chegar ao conceito de Bem-Estar Subjetivo é necessário retornar à Grécia Antiga e ao conceito de *Eudaimonia*. Diener defende que Aristóteles (Grécia, 384 a.C. – 322 a.C.) considerava *Eudaimonia* como o objetivo final para o qual todos os objetivos intermédios são canalizados. Dentro da mesma linha de pensamento, o mesmo autor continua a sua busca pelas origens do conceito de bem-estar e, em Tomás de Aquino (Itália, 1225 – 1274), descobre que também este defende que os indivíduos efetuam escolhas em busca da felicidade e sentimentos positivos, como a alegria. No filósofo e economista, John Stuart Mill (Inglaterra, 1806 – 1873), Diener descobriu que este defendia que a felicidade é um bem essencial para o funcionamento das sociedades e que em colaboração com J. Bentham (Inglaterra, 1748 – 1832), difundiam a teoria utilitarista com vista à maximização e obtenção de felicidade (Diener, Lucas, & Oishi, 2000). Em sequência desta visão, no séc. XX, assiste-se a uma viragem no modo de pensar das sociedades: passou-se de uma sociedade meramente direcionada para a satisfação de necessidades básicas e materiais, para uma sociedade considerada pós-materialista, ou seja, em que se defendia que a vida e a felicidade vão para além da aquisição de bens e serviços que o dinheiro pode prover (Galinha & Ribeiro, 2005). Foi nesta altura, após a Segunda Guerra Mundial, que se deu início a um levantamento de dados sobre a felicidade e satisfação com a vida, através de questionários simples e com perguntas abertas, de modo a poder aceder aos significados que as pessoas atribuíam a este conceito.

É na década de 60 que se verifica um maior interesse no Bem-Estar Subjetivo como uma vertente importante da vida de cada indivíduo. Em 1967, com a investigação de Wilson, denominada “*Correlates of Avowed Happiness*”, é que se chegou à descrição da pessoa considerada feliz: “jovem, saudável, instruída, bem remunerada, extrovertida, otimista, religiosa, casada, com elevada autoestima, com um trabalho construtivo (*high job morale*), com aspirações modestas, de qualquer um dos sexos e de nível de inteligência diverso” (Novo, 2003, p. 34; ver também Wilson, 1967, Diener, Suh, Lucas, & Smith, 1999).

Nos anos 70, do século XX, Andrews e Withey (1976) retomaram à análise sobre a satisfação com a vida (sendo avaliada como equivalente de bem-estar) e expuseram que a mesma consiste num fator distinto aos dois tipos de afeto (negativo e positivo), tendo posteriormente sido comprovado em 1996, nos estudos de Lucas, Diener e Suh. Em 1998, Diener desenvolve um estudo em 41 nações onde pretendia descortinar a importância de cada uma das dimensões em estudo. Numa escala de sete pontos, os valores médios relativos à

satisfação eram superiores a 6.20 e à felicidade a 6.30, quer em países ocidentais (considerados mais desenvolvidos economicamente) quer em países não ocidentais (considerados menos industrializados), levando o autor a concluir que qualquer indivíduo adulto, independentemente da sua escolaridade, considera o bem-estar subjetivo como algo bastante desejável e relevante na sua vida pessoal (Diener, Sapyta, & Suh, 1998; Novo, 2003). Na sua perspetiva, Diener considera o bem-estar subjetivo como um somatório de reações que os indivíduos adotam quando confrontados com os estímulos do contexto que os envolve. Essas reações são orientadas através das emoções, que permitem ao ser humano adaptar-se a diversas circunstâncias. Porém, o autor defende o bem-estar subjetivo como uma área abrangente, em vez de um simples constructo, dado que apresenta divisões e subdivisões no campo de investigação, como comprova a tabela 1 (ver página seguinte). Assim, o autor, na sua visão, teve em consideração a perspetiva de Bradburn e Caplovitz (1965) em que ambos sugerem nos seus trabalhos que o afeto positivo é independente do afeto negativo e, como tal, devem ser analisados em separado.

Através da análise do Quadro 1.1, compreende-se, então, que para Diener, o bem-estar subjetivo é composto por duas grandes dimensões: uma de carácter mais cognitivo relacionado com a “Satisfação com a Vida” e os seus “Domínios”, e uma de carácter mais emocional/emotivo ligado com os “Afetos Positivos” e “Afetos Negativos”, expressos globalmente por Felicidade/Depressão (Diener, et. al. 1999).

Quadro 1.1: *Componentes do Bem-Estar Subjetivo*

Afeto Positivo	Afeto Negativo	Satisfação com a vida	Domínios de Satisfação
Alegria	Culpa e Vergonha	Desejo de mudar a vida	Trabalho
Júbilo	Tristeza	Satisfação com a vida atual	Família
Contentamento	Ansiedade e Preocupação	Satisfação com o passado	Lazer
Orgulho	Raiva	Satisfação com o Futuro	Saúde
Afeição	<i>Stress</i>	Pontos de vista de terceiros significativos na vida da pessoa	Finanças
Felicidade	Depressão		<i>Self</i> (consigo próprio)
Êxtase	Inveja		Grupo de pertença

Fonte: Diener, Suh, Lucas & Smith (1999), *Subjective Well-Being: Three Decades of Progress* adaptado.

Sintetizando, o autor defende que as pessoas sentem um elevado bem-estar quando experienciam mais afetos positivos que negativos, quando se encontram envolvidas em atividades que considerem interessantes e estimulantes e quando estão satisfeitas com a vida, em geral.

Mais recentemente, Bradshaw et al (2013) referem que, idealmente, fazem parte do bem-estar os seguintes elementos: uma componente avaliativa (satisfação com a vida ou felicidade) e uma componente relacionada com os fatores estruturais (melhoria das condições económicas do indivíduo, qualidade das instituições públicas ou melhorias na democracia).

Mais recentemente outros autores (Cummins, 2005; Statham & Chaise, 2010), consideram que o bem-estar subjetivo consiste num indicador da Qualidade de Vida.

1.1. Dimensões do bem-estar

Tal como se procurou enfatizar no ponto anterior, o bem-estar consiste num conceito diverso e disperso, albergando diversas dimensões, não havendo ainda consenso delineado na sua definição e processos de avaliação, começa-se a verificar, no entanto, uma tendência consensual nas dimensões em análise, nomeadamente ambiente familiar, escola/ambiente laboral, vizinhança, entre outros, mas também na necessidade de analisar variáveis objetivas e subjetivas.

Uma das dimensões consiste no bem-estar material definido por White (2008) como os padrões de vida de cada indivíduo. Mais recentemente Bradshaw et. al (2011) refere que o bem-estar material pode ser medido através da deprivação e das condições precárias de habitação.

Neste mesmo estudo, outra das dimensões abordadas por Bradshaw et. al (2011), é o de bem-estar relacional. Esta dimensão, tal como o nome indica, prende-se com o bem-estar adquirido através das relações que as crianças e adolescentes estabelecem com outros indivíduos, nomeadamente, relações familiares, mas também as relações entre pares, vizinhança e comunidade.

Por último, Bradshaw apresenta a dimensão contextual, que remete para os contextos em que a criança se insere. O autor considera esta dimensão importante, dado que é esta que reflete o que a criança pensa e sente em relação às condições da sua habitação, nomeadamente percepção da ausência de bem de consumo duráveis, bem como em relação à sua estrutura familiar. Assim sendo, denota-se que, para o autor, esta consiste numa dimensão mais relacionada com as condições e estruturas familiares em que a criança ou adolescente se encontra inserida (Bradshaw, et al., 2011).

Por outro lado, uma distinção conceptual também muito abordada é a de bem-estar psicológico. Esta é uma distinção principalmente relacionada com a Psicologia Positiva (Novo, 2003) e tem sido estudada em relação com indicadores de bem-estar gerais, qualidade de vida, marcadores biológicos de saúde, processos adaptativos e constructos relacionados com as dimensões positivas da saúde mental (relações positivas com os outros, autonomia, domínio do ambiente, crescimento pessoal, propósito da vida e autoaceitação). São estas dimensões positivas da saúde mental que servirão de propulsor ao funcionamento positivo ou ótimo do ser humano e conseqüentemente ao bem-estar psicológico. O bem-estar psicológico tem, tal como o bem-estar subjetivo, origem nas teorias da *Eudaimonia* de Aristóteles. Contudo, só nos trabalhos de Ryff, na década de 80, é que se verifica uma tentativa de consolidação das fundações do bem-estar no âmbito psicológico. Assim sendo, a autora veio dizer que o bem-estar psicológico é composto pela autoaceitação que o indivíduo deve ter de si próprio, possuir relações positivas e satisfatórias com outras pessoas, a capacidade de o indivíduo ser autónomo, ter domínio sobre o ambiente que o envolve, ter objetivos e propósitos na vida e, por último, estar aberto a novas experiências permitindo a si próprio um crescimento pessoal. Neste parâmetro, diversos instrumentos foram desenvolvidos, contudo é de salientar a *Escala de Bem-Estar Psicológico* e a *Wisconsin Longitudinal Study*, ambas desenvolvidas pela equipa de Ryff.

1.2. Bem-Estar Subjetivo em Crianças

Se até ao momento os estudos desenvolvidos incidiam primordialmente na população adulta (Huebner, 2004), é com a Convenção dos Direitos das Crianças em 1990 (UNICEF, 1990), tal como referido na Introdução, que surge a necessidade de aplicar este tipo de estudos a crianças e jovens.

Do ponto de vista científico, é importante perceber que os primeiros anos de vida do ser humano são a base do adulto que será (Bello & Casas, 2013). A importância de estudos realizados neste âmbito, permitem então perceber as pressões e desafios que as crianças e adolescentes atravessam nesta fase do seu desenvolvimento.

Em 1996, A Chapin Hall Centre da Universidade de Chicago, através de um estudo com 60 indicadores, tenta, em todo o mundo, criar uma base de dados, como a do *Program for International Student Assessment* (PISA) (que recolhe dados trianuais sobre a evolução dos sistemas educativos) de bem-estar das crianças.

De modo a se perceber o bem-estar de crianças de diferentes países, também a UNICEF lança o *Report Card 7*, (UNICEF, 2007) que consiste num relatório com o intuito de

encorajar as nações a monitorizarem, incentivarem as comparações e discussões em torno das políticas públicas para a melhoria da vida das suas crianças. Este relatório apresenta os resultados de um estudo desenvolvido com 21 nações consideradas economicamente desenvolvidas e permite medir e comparar o bem-estar sob diversos domínios: “bem-estar material, saúde e segurança, bem-estar educacional, relações interpessoais, comportamento, riscos e bem-estar subjetivo” (Dinisman, Montserrat, & Casas, 2012, p. 2374). O bem-estar subjetivo é aqui definido como a satisfação que as crianças têm com a sua própria vida em geral. Esta pode ser estudada em dois sentidos, tal como nos adultos: um mais cognitivo, relacionado com a análise que a criança faz da sua vida em geral e outro mais afetivo, ou seja, a criança reflete sobre a sua vida tendo em conta as emoções positivas ou negativas que experienciou em diversas situações. Deste modo, a análise cognitiva, por ser mais global, tende a ser mais estável ao longo do tempo que a análise afetiva, dado que ao longo do seu crescimento a criança atravessará por diversas situações que lhe despertarão as mais variadas emoções, sejam elas positivas ou negativas (Dinisman, et al. 2012).

Em 2009, surge um outro o estudo, o *Children’s Wellbeing across all thirty OECD countries* com o intuito de dar continuidade ao *Report Card 7*, referido anteriormente. Neste novo estudo, foram alterados os núcleos dos indicadores com maior impacto nas políticas públicas. Assim sendo, indicadores como a habitação, ambiente e qualidade da vida escolar, mas também o indicador do bem-estar subjetivo foram retirados. Uma das vantagens deste estudo foi conseguir evitar colocar os países num ranking dentro dos indicadores.

No mesmo ano, surge também o estudo de Bradshaw et al. (2011) desenvolvido com os 27 países da União Europeia bem como a Noruega e a Islândia, cujo objetivo consistia em avaliar sete domínios: saúde da criança, bem-estar subjetivo, relações interpessoais, bens materiais, educação, comportamento e risco, bem como habitação e ambiente envolvente.

Também a Organização Mundial de Saúde (2012) desenvolveu um estudo, no âmbito da saúde, que permite avaliar o bem-estar geral das crianças, mas com um foco mais dirigido para as questões da saúde. Neste estudo, verificou-se que, nas últimas duas décadas, tem-se verificado uma degradação das circunstâncias sociais resultando num aumento de comportamentos de risco adotados. Estas alterações, nas circunstâncias sociais, provocam então aos países aumentos nos gastos com a saúde pública das suas populações, por isso, com as desigualdades sociais vividas atualmente, revela-se importante estudar o estatuto socioeconómico, mas também o sexo e a idade das crianças, através de dimensões como a posição dos seus pais relativamente ao mercado de trabalho, educação e zona de residência.

De um modo geral, verifica-se então que tem existido um interesse sistemático pelo estudo desta temática com crianças e adolescentes, sendo que os domínios de bem-estar considerados têm sido, geralmente, semelhantes entre estudos. Assim e um pouco à luz da Teoria dos Ecosistemas, verifica-se que é importante abordar esta temática dado que explora questões mais intrapessoais e relacionadas com as emoções do indivíduo, mas também porque analisa e permite à criança avaliar o meio que a circunda nomeadamente a sua relação com a família, amigos, vizinhança e escola (Bronfenbrenner, 1979).

1.3. Preditores de bem-estar subjetivo

1.3.1 Fatores Internos/Individuais

Diener e Larsen (1984) verificaram num dos seus trabalhos que o bem-estar subjetivo é afetado pelas reações cognitivas ou emocionais dos indivíduos. Neste estudo, os autores demonstraram que os indivíduos reagem a circunstâncias de mudança e, essas mesmas reações são refletidas posteriormente em relatos momentâneos de bem-estar subjetivo.

Posteriormente, Diener, Sandvik e Deidnitz e Diener (1993) demonstraram que o bem-estar subjetivo tende a ser estável, contudo esta estabilidade para além de depender das experiências de vida, num período de 10 anos, depende também da predisposição que os indivíduos têm para serem felizes ou infelizes. Esta predisposição encontra-se relacionada com a forma como os indivíduos tendem a ver o mundo em seu redor, sendo esta visão mais positiva ou negativa. Todas estas questões relacionadas com os traços de personalidade de cada um fazem com que a forma como os indivíduos perspetivam o seu bem-estar varie de indivíduo para indivíduo (Diener, Lucas, & Oishi, 2000).

1.3.2. Fatores Económicos e Sociodemográficos

Segundo Gaspar (2012), o estudo da relação entre bem-estar subjetivo e as variáveis sociodemográficas é tão relevante quanto o estudo da relação com as características intrapessoais do indivíduo, pois estas influenciam-se mutuamente. Apesar do peso das variáveis sociodemográficas não ser muito elevado, quer nos adultos quer nas crianças, quando analisada a relação direta entre o nível de recursos económicos (estatuto socioeconómico) e o bem-estar subjetivo, verifica-se a existência de correlações positivas, entre estas duas variáveis, mas relativamente baixas, nos países mais desenvolvidos economicamente e relações positivas elevadas nos países considerados como menos desenvolvidos (Diener, 1985). O autor verificou que, embora exista diferenciação entre o

bem-estar subjetivo e os recursos socioeconómicos, quando são atingidos níveis moderados de qualidade de vida para os indivíduos, os recursos económicos deixam de ter a mesma importância na diferenciação do nível de bem-estar subjetivo (Novo, 2003).

Por outro lado, as investigações direcionadas para a relação entre circunstâncias de vida, nomeadamente experiências pessoais como divórcio, pobreza, entre outros, e o bem-estar subjetivo mostram que, embora as primeiras variáveis apresentem efeitos moderados na variância da felicidade, estas devem ser tidas em conta, bem como a capacidade de adaptação dos indivíduos (Novo, 2003). No estudo de Bello e Casas (2013), verificou-se que o divórcio e o desemprego são variáveis que influenciam de forma negativa o bem-estar das crianças em Espanha. Por outro lado, a existência de atividades desenvolvidas em família, escolaridade elevada dos pais e o acesso a tecnologias de informação e comunicação, revelam-se como variáveis que influenciam de forma positiva o bem-estar geral das crianças e adolescentes.

Contudo, a direção da relação entre o bem-estar subjetivo e fatores sociodemográficos ainda não se encontra claramente definida. Segundo Moore (2008), verifica-se há mais de 30 anos, uma necessidade de conceptualizar e medir o bem-estar das crianças, mas também de construir um índice que consiga explicar no que consiste o bem-estar das crianças. No seu trabalho, a autora criou um índice sobre o bem-estar das crianças com base nos dados do *National Survey of Children's Health* (NSCH) de 2003/2004. Como inicialmente pensado pela autora, a relação entre as variáveis consideradas contextuais, como o contexto familiar, da comunidade e sociodemográfico e as individuais, como as conquistas educativas e o desenvolvimento cognitivo, saúde social, mental e físico, apresentavam uma correlação moderada. O estudo que a autora realizou com crianças norte-americanas com idades compreendidas entre os 6 e os 17 anos, independentemente do sexo, etnia, contexto habitacional (região rural ou urbana), determinou que os fatores sociodemográficos e contextos apresentavam um impacto significativo.

Muito recentemente, Bradshaw (2011), num estudo europeu conduzido em 27 países da União Europeia, acrescidos da Noruega e Islândia, analisou algumas variáveis sociodemográficas, nomeadamente sexo, idade e etnia, verificando que, a satisfação com a vida decresce com o aumento da idade e que os rapazes apresentam maiores níveis de satisfação que as raparigas; o gosto pela escola decresce com o aumento da idade e que, aos 11 anos, as raparigas gostam mais da escola que os rapazes, sendo que estes valores vão decrescendo com o passar dos anos; os menores cuidados de saúde aumentam com a idade, mas também no sexo feminino; a facilidade em falar com a figura materna decresce também com o aumento da idade mas favorece as crianças do sexo masculino; e, por último, a relação

com os seus colegas de sala de aula decresce também com a idade mas não apresenta distinções em função do sexo. Nesse mesmo estudo, o autor verificou que embora haja uma tendência para um aumento do bem-estar ao longo dos anos de vida, esse aumento é ligeiro; que as crianças que vivem em famílias nucleares apresentam maiores níveis de bem-estar, porém esses valores são apenas consistentes com o bem-estar pessoal. Já sobre a variável etnia, as crianças indianas apresentam maiores níveis de bem-estar enquanto as crianças oriundas do Paquistão e Bangladesh apresentam os valores mais baixos de bem-estar pessoal, contudo não é possível verificar, neste estudo, se se tratam de crianças ditas de 2ª ou 3ª geração, presente no Reino Unido. Ao nível da religião, os cristãos apresentam maiores níveis de bem-estar pessoal, enquanto os muçulmanos apresentam maiores níveis de bem-estar familiar. Por último, ao nível da orientação sexual, os jovens que se inserem na categoria de LGBT (*gay/lésbica/bissexual*) apresentam os níveis mais baixos de bem-estar.

Já em 2012, num estudo desenvolvido pela OMS, percebeu-se que nas últimas duas décadas, tem-se verificado uma degradação das circunstâncias sociais resultando num aumento de comportamentos de risco adotados. Estas alterações nas circunstâncias sociais, provocam então aos países aumentos nos gastos com a saúde pública das suas populações, por isso, com as desigualdades sociais vividas atualmente, revela-se importante estudar o estatuto socioeconómico, mas também o sexo e a idade das crianças, através de dimensões como a posição dos seus pais relativamente ao mercado de trabalho, educação e zona de residência. A idade apresenta-se também como uma variável a ser tida em conta, dado que as desigualdades no acesso à saúde durante esta fase do desenvolvimento do ser humano podem provocar problemas de saúde, contudo esta relação negativa não se verifica só nesta fase como também na fase adulta. Por isto, verifica-se que é importante estudar a perspetiva das crianças de modo a intervir nos domínios da sua vida o mais cedo possível, focando-nos nos primeiros anos de vida, de forma a reduzir os efeitos nefastos que poderão afetar, não só a vida adulta da criança, mas também aumentar os gastos do Estado com despesas em saúde pública. Por outro lado, percebe-se também que existe uma distinção na forma como rapazes e raparigas percebem a sua saúde e bem-estar. Os rapazes tendem a externalizar maioritariamente os seus comportamentos, enquanto as raparigas tendem a internalizar e lidar com as situações de forma mais emocional. Com isto, revela-se importante então estudar as perspetivas das crianças e adolescentes de forma de forma a reduzir a diferença com que ambos perspetivam a sua saúde e bem-estar ao longo dos anos da sua vida (Currie et al., 2012).

Relativamente à realidade portuguesa, o estudo de Fernandes (2013), foi realizado a 1262 crianças dos 3.º, 4.º, 5.º e 6.º anos do Ensino Básico, quer público quer privado, na

região norte de Portugal Continental. A autora, além de confirmar os resultados de Bradshaw (2011), nomeadamente que as crianças mais velhas apresentam níveis de bem-estar mais baixos que as crianças mais novas, verifica a existência de uma correlação positiva entre a posse de bens materiais e a variável bem-estar, acontecendo o mesmo com o lazer e a recreação, ou seja, uma criança que disponha de tempo de lazer e recreação tende a apresentar níveis de bem-estar mais elevados. Por seu lado, o desemprego dos pais, com especial enfoque no desemprego da figura paterna, tem um forte impacto negativo no bem-estar das crianças; e crianças que frequentam escolas públicas apresentam níveis de bem-estar inferiores aos das crianças em escolas privadas. É de ressaltar que, neste estudo, o índice de bem-estar consiste num compósito dos domínios: bem-estar material, condições físicas de habitação, infraestruturas e segurança da vizinhança, hábitos de saúde, escola, lazer e recreação, relações sociais e, por último, bem-estar psicobiológico (Bello & Casas, 2013).

De um modo geral, podemos concluir que existe um consenso nos resultados obtidos até à data. As variáveis demográficas, como sexo, idade das crianças e estatuto socioeconómico revelam-se como importantes na determinação da evolução do bem-estar das crianças e adolescentes, podendo ter repercussões na fase adulta do indivíduo (Currie et al. 2013).

1.3.3. Cultura e Etnicidade

Os estudos transculturais parecem indicar que as pessoas com atividades, que considerem interessantes, e com elevada participação ativa na sua vida tendem a sentir-se mais integradas e com níveis de autoestima mais elevados. Mas estes resultados variam em função do tipo de sociedade: Diener e Diener (1995), por exemplo, verificaram uma menor correlação entre autoestima e bem-estar subjetivo nas sociedades coletivistas, quando comparados com os dados das sociedades individualistas, ou seja, a autoestima é um bom preditor do bem-estar subjetivo nas sociedades em que o mesmo é valorizado, sendo menos valorizado nas sociedades em que a harmonia grupal tem mais peso do que a individual (Novo, 2003).

Retomando as distinções do bem-estar subjetivo nas sociedades individualistas e coletivistas (Hofstede, 2011), alguns estudos indicam que a maioria da variância em volta do bem-estar subjetivo se prende com a riqueza económica das nações, porém a cultura e os conflitos/questões políticas têm impacto nesta variância. Nos estudos de Diener et al (1999), por exemplo, verifica-se que as nações mais ricas (ocidentais) apresentam maiores níveis de bem-estar subjetivo, ideia relacionada com o facto de nestas, as pessoas possuem mais bens

materiais e maiores níveis de preocupação com os direitos humanos, longevidade e igualdade (Diener, Lucas, & Oishi, 2000). Diener et al (2000) apresentam o caso do Japão, que apresenta elevados rendimentos e baixos níveis de satisfação com a vida, explicado pelo facto de ser uma sociedade muito regulada e com fortes pressões grupais, mas ao mesmo tempo com expectativas de desempenho dos indivíduos elevadas (Diener, Lucas, & Oishi, 2000; Novo, 2003). Também refletindo as questões culturais, Diener et al (2000) referem que o estado civil tem influência na felicidade, dado que as pessoas que vivem em união de facto são mais felizes que as casadas, nas sociedades individualistas, porém os que vivem em união de facto, são mais infelizes, quando comparados com casados e solteiros, nas sociedades coletivistas.

Mantendo a linha da transculturalidade, foi realizado um estudo em Portugal, em 2008, baseado no *Projeto Europeu Kidscreen - Screening for and Promotion of Health-Related Quality of Life in Children and Adolescents – a European Public Health perspective*. Este estudo revela-se importante, dado que reflete um avanço na comunidade científica nacional no sentido de perceber a perceção de qualidade de vida de crianças e adolescentes, neste caso, relacionada com a saúde, mas também dos respetivos pais. Este instrumento é constituído por dez dimensões que descrevem a qualidade de vida: “saúde e atividade física, sentimentos, estados de humor geral, auto-perceção, tempo livre, família e ambiente familiar, questões económicas, amigos, ambiente escolar e aprendizagem e provocação” (Gaspar & Matos, 2008, p. 5) e foi aplicado a 3195 crianças com idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos de idade com nacionalidades: Portuguesa, dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), Brasileira e outras (não especificando os autores quais). Neste estudo, verificou-se que os rapazes apresentam, em termos gerais, níveis de bem-estar mais elevados que as raparigas. Contudo, as meninas invertem este cenário nas dimensões “Ambiente Escolar e Aprendizagem” e “Questões Económicas”, apresentando níveis de satisfação superior. Uma das dimensões consensual entre rapazes e raparigas é a dimensão “Amigos(as)”, onde não se verificam diferenças significativas. Em relação às idades, de um modo geral, as crianças mais novas apresentam níveis de satisfação superiores ao do grupo dos adolescentes, contudo, na dimensão “Provocação”, tal não se verifica, dado que os adolescentes apresentam então níveis mais elevados.

Poucos são os estudos que abordam as questões do bem-estar subjetivo relacionados com a etnicidade. Moore, em 2008, tentou desenvolver um índice descritivo do bem-estar das crianças com base no *National Survey of Children's Health*, nos EUA. A autora verificou que as crianças brancas não-hispânicas são as que apresentam maior pontuação de bem-estar e

que, nas comparações entre a população hispânica e negras, os valores de bem-estar nos diferentes domínios, são maiores na população hispânica, com exceção da dimensão da saúde pública. Relevante também de mencionar no seu trabalho, é que 16,1% dos negros e 13% das crianças hispânicas, dos 6 aos 11 anos, não conheciam os critérios de bem-estar em nenhum dos domínios (saúde física, saúde psicológica, saúde social (*social health*), desenvolvimento cognitivo e conquistas escolares e bem-estar da criança) explorados pelo autor, comparados com os 5,4% da população branca não hispânica (de referência). Na faixa etária dos 12 aos 17 anos, a autora constatou valores idênticos, concluindo que as crianças hispânicas são as que menos conhecem os domínios do bem-estar, seguidas das negras. Ainda, os rapazes apresentaram menores níveis de bem-estar do que as raparigas, sendo que esses níveis tendem a diminuir com o aumento da idade. Ao nível da etnicidade, a autora concluiu também que as crianças e adolescentes negras e hispânicas apresentam níveis mais baixos de bem-estar, quando comparados com as crianças brancas não-hispânicas da sua faixa etária e sexo.

Também Bradshaw (2011), num dos seus estudos sobre bem-estar em crianças do Reino Unido em diferentes domínios (pessoal, familiar, o com a vizinhança e na escola) verificou que os indivíduos de origem indiana apresentam maiores níveis de bem-estar pessoal e familiar, enquanto os paquistaneses e os bengaleses apresentam os níveis mais baixos de bem-estar pessoal, enquanto os negros apresentam o nível mais baixo de bem-estar com a vizinhança.

Verifica-se então uma necessidade de se estudar o bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes por se verificar a necessidade de saber o que realmente pensam as crianças da sua vida e por poder apresentar-se como um problema com repercussões, não apenas no presente, mas no futuro das crianças, mas também nas políticas públicas que as envolvem (Brown e Moore, 2007, Moore, et al., 2008, Fernandes, Mendes, & Teixeira, 2012).

1.4. Objetivos

O bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes tem sido uma temática explorada em presente século XXI, de modo a conseguir-se compreender o que as crianças e adolescentes pensam e sentem sobre a sua vida em geral (Bradshaw et al. 2013). Dada a contemporaneidade do tema e a preocupação em encontrar um instrumento comum à avaliação do bem-estar subjetivo, foi criado o projeto internacional *Children's Worlds – International Survey of Children Well-Being* (ISCWEB). Este, procura recolher dados sobre o bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes e, a nível mundial, que permitir influenciar os decisores políticos internacionais, europeus, e de cada país envolvido.

Sendo que o presente estudo se encontra inserido no projeto supracitado, este pretende, numa primeira análise, perceber o bem-estar subjetivo numa amostra de crianças e adolescentes residentes em Portugal, através do instrumento elaborado no âmbito do ISCWEB.

Dada a multiplicidade de etnias em Portugal, este país apresenta-se como um dos mais multicultural da União Europeia, com 417.042 pessoas de origem não portuguesa, sendo que na sua maioria têm idades compreendidas entre os 20 e os 39 anos de idade (SEF/Gabinete de Estudos, 2012). Nos dados relativos a 2013, verificou um decréscimo de 3,8% da população não estrangeira em Portugal, perfazendo atualmente 401.320 pessoas (SEF/Gabinete de Estudos, 2013). Por esse motivo, considera-se relevante perceber os níveis de satisfação das crianças residentes em Portugal, com o intuito de perceber o que sentem e através dessa informação, poder, de forma mais adequada, responder às suas necessidades.

Assim sendo, o objetivo principal do presente estudo, para além de perceber o bem-estar subjetivo das crianças e adolescentes nacionais, pretende também avaliar o bem-estar subjetivo, nas suas várias dimensões, em função da idade (analisada em torno do ano escolar), etnia e sexo.

Embora a literatura sugira diferenças nas perceções de bem-estar subjetivo em função da idade, sexo e etnia, considera-se que não é pertinente construir hipóteses específicas de trabalho, uma vez que se procura analisar o bem-estar das crianças/adolescentes nos seus diversos domínios (bem-estar familiar, bem-estar material, bem-estar relacional, segurança e satisfação com a zona de residência e bem-estar em contexto escolar).

II. Método

2.1. Metodologia

Face aos objetivos explicitados, foi conduzido um estudo quantitativo.

2.2. Participantes

Participaram neste estudo, crianças e adolescentes a frequentar os 3^o, 5^o e 7^o anos de escolaridade do Ensino Básico, de ambos os sexos, de escolas públicas da área metropolitana de Lisboa.

Num total de 331 participantes, as suas idades encontram-se compreendidas entre os 8 e os 18 anos de idade, apresentando uma média de 11 anos (DP = 1,94), sendo a distribuição entre rapazes e raparigas de 58% e 42% respetivamente. Com base na informação constante na Tabela 2, verifica-se a distribuição do sexo dos participantes, por ano escolar.²

Quadro 2.2.1. Distribuição do sexo dos participantes pelos anos de escolaridade.

		Sexo	
		Masculino	Feminino
		N	N
Ano Escolar	1,00 3.º Ano - 1.º Ciclo	29	27
	2,00 5.º Ano - 2.º Ciclo	83	59
	3,00 7.º Ano - 3.º Ciclo	80	53

2.3. Instrumento

O instrumento consiste num questionário de autorresposta sendo que o mesmo apresenta três versões: uma para crianças do 3^o ano (1.º ciclo), outro para as de 5^o ano (2.º ciclo) e outro para as de 7^o ano (3.º ciclo). Cada uma das versões foi adaptada pela coordenadora do projeto internacional em Portugal, que seguiu os procedimentos habituais de adaptação de instrumentos: i.e., tradução do questionário no seu formato original (língua inglesa) para Português e posterior retrotradução. Após este processo, a coordenadora procedeu à sua discussão, em contexto de grupo de discussão focalizada (*focus group*) feita a um total de 46 crianças distribuídas pelos três anos escolares referidos. Para as crianças do 3.º ano de escolaridade foi efetuado um grupo de discussão focalizada com 16 crianças (10

² Os dados obtidos no presente estudo poderão ou não fazer parte do projeto nacional supracitado, uma vez que para este último a amostra será aleatória e representativa da população infanto-juvenil de Portugal continental a frequentar os 3^o, 5^o e 7^o anos de escolaridade).

raparigas e 6 rapazes) em que oito frequentavam uma escola pública e os restantes oito em que frequentavam uma escola privada. No grupo de discussão focalizada das crianças a frequentarem o 5.º ano, trabalhou-se com um total de 14 crianças, seis de uma escola privada e oito de uma escola pública, sendo que, no total, trabalhou-se com oito raparigas e seis rapazes. Já no grupo das crianças a frequentar o 7.º ano de escolaridade, a distribuição foi de inquirir oito crianças de uma escola pública e outras oito de uma escola privada. Neste grupo, inquiriu-se um total de seis rapazes e dez raparigas. Assim sendo, foram efetuados três grupos de discussão focalizada com crianças que habitam as regiões do Porto, Matosinhos, Maia, Vila Nova de Gaia e Arcozelo, com o objetivo averiguar em que medida o instrumento era perceptível para as crianças das diferentes faixas etárias.

O instrumento é constituído por um total de 37 questões, sendo o questionário para crianças de 7.º ano é aquele que contempla a totalidade das questões de 3.º (27 questões) e de 5.º ano (32 questões). Neste sentido, compreende-se que há questões transversais a todos os questionários, bem como há questões que apenas se contemplam nos questionários de 5.º e/ou 7.º anos, como por exemplo, as questões de pertença a uma família nuclear ou monoparental ou receção de mesada.

A primeira parte é constituída por um conjunto de questões que visam uma caracterização sociodemográfica da criança (sexo, idade, nacionalidade, etnia), denominada “Sobre ti”, sendo ainda questionado, aos alunos de 5º e 7º anos, se a sua família se insere na tipologia nuclear ou monoparental.

Em termos gerais, o bem-estar subjetivo é medido através de indicadores que se agrupam nas seguintes dimensões: habitação e pessoas com quem mora, bens materiais, amigos, vizinhança, escola, uso do tempo livre, mais sobre ti e como te sentes contigo próprio e a tua vida e o teu futuro, tendo como medidas escalas de satisfação com cada uma dessas dimensões e escalas de frequência de comportamentos nas duas últimas semanas. De seguida, abordaremos cada dimensão em mais detalhe.

A primeira dimensão relativa ao contexto e relações familiares (“A tua casa e as pessoas com quem moras”) é constituído por um total de seis questões, em que algumas das questões (ex., “Qual das seguintes situações descreve melhor a casa onde tu vives a maior parte do tempo?”, são avaliadas pela criança/adolescente através do ser grau de concordância com a afirmação apresentada. Outra das questões prende-se com as escalas de satisfação com “as coisas” relacionadas com a vida familiar, numa escala de Likert em que 1 corresponde a “Não Concordo” e 6 corresponde a “Concordo Totalmente”. O questionário apresenta questões de satisfação com a habitação ou as pessoas com que a criança vive; as respostas são

dadas numa escala de Likert de 10 pontos, em que 0 significa “Nada Satisfeito” e 10 “Totalmente Satisfeito”). Por outro lado, são efetuadas também questões de frequência de comportamentos, onde a criança indica, numa escala em que 1 significa “Nenhuma vez” e 5 significa “Todos os dias”, se, na semana transada, fizeram as atividades descritas (ex. “Conversaram juntos”).

A terceira dimensão do questionário, composta por seis itens, reporta-se ao dinheiro e bens materiais (ex., “O dinheiro e as coisas que tens”) que a criança tem ao seu dispor, nomeadamente se recebe mesada, se dispõe de boa roupa para ir à escola, acesso a um computador e internet, entre outros bens, de modo a compreender-se os bens que a criança tem ao seu dispor em casa. Nesta dimensão mantiveram-se as escalas de frequência, bem como questões em que a resposta é dada também numa escala de Liker, mas de três pontos (“Não”, “Não sei” e “Sim”). Nesta dimensão é também realizada uma questão de satisfação com estes bens, avaliada também numa escala de Likert de 10 pontos.

A quarta dimensão (“Os teus amigos e outras pessoas”) corresponde às relações entre pares e com a vizinhança e é composta por três itens. Nesta dimensão, averigua-se a satisfação das crianças e adolescentes com os amigos, os vizinhos e relacionamentos com outras pessoas, bem como se realizaram atividades de lazer com os amigos fora da escola. É também apresentado um conjunto de frases, onde a criança ou adolescente apresenta o seu nível de concordância com as mesmas, bem como questões respeitantes à frequência com que determinadas atividades ocorreram (ex. “Encontraram-se para estudar (fora da escola)”).

A quinta dimensão diz respeito à comunidade envolvente à criança (denominada “A zona onde moras/ a tua vizinhança”), ou seja, pretende-se conhecer, através dos dois itens de análise, o que a criança pensa sobre a zona onde reside, indo de encontro com a sexta dimensão do questionário, a satisfação com a escola, composta por três itens de análise. Nestas duas dimensões, pretende-se conhecer a satisfação da criança/adolescente com a zona onde reside e a sua escola, nomeadamente com a sua experiência escolar e crianças da sua turma. Também nestas dimensões são efetuadas questões em que a criança indica a sua concordância com determinada afirmação (ex. “Na zona onde moro/ na minha vizinhança há lugares suficientes para eu brincar”), bem como questões de satisfação com os espaços ao ar livre ou outras crianças da turma ou questões de frequência de atividade como por exemplo, “No último mês, com que frequência, outras crianças da tua escola te bateram?”.

A sétima dimensão (“Como usas o teu tempo”), composta por apenas um item, consiste em aferir o uso do tempo livre por parte da criança/adolescente. Nesta, é questionada

a frequência com que a criança realiza atividades extracurriculares, se lê por diversão, pratica desporto ou ajuda nas tarefas domésticas, entre outras atividades.

Na dimensão seguinte (“Mais sobre ti”) pretende-se saber mais algumas informações sobre a criança, nomeadamente se mudou de casa, escola e/ou zona de residência no último ano, se se encontra a morar com os mesmos pais ou cuidadores (avaliada de forma dicotómica com “Sim” ou “Não”), bem como o seu grau de satisfação com a liberdade que tem, saúde, aparência e outros aspetos relativos ao seu corpo e vida em geral (avaliadas em escala de Likert de 10 pontos). Esta dimensão é composta por três itens de análise.

As dimensões nove (“Como te sentes contigo próprio(a)”, composta por dois itens) e dez (“A tua vida e o teu futuro”, composta por seis itens) exigem da criança/adolescente uma reflexão sobre ela própria, nomeadamente na forma como se sente com ela própria, quão satisfeita está com a segurança que sente, com as coisas nas quais quer ser bom (escala de Likert de 10 pontos) e quão feliz se tem sentido nas últimas duas semanas (escala de Likert de 10 pontos, em que 0 significa “Nada feliz” e 10 “Totalmente feliz”). Por outro lado, pretende-se também avaliar o que as crianças/adolescentes sentem em relação à sua vida em geral, através de um conjunto de frases apresentado e de uma escala de concordância de 10 pontos, em que 0 significa “Nada de acordo” e 10 “Totalmente de acordo” e quais os conhecimentos que a criança/adolescente dispõe dos seus direitos, se já ouviu falar na Convenção das Nações Unidas sobre os direitos das crianças e se considera que, no seu país, os adultos respeitam esses mesmos direitos (escala de resposta de “Não”, “Não tenho a certeza” e “Sim”). Nesta última dimensão, é explorado também quais as características que as pessoas reconhecerão nelas quando forem adultas numa escala também de 10 pontos em que 0 significa “Nada” e 10 “Muitíssimo”, bem como apresentada uma listagem de sentimentos e emoções em que deverão indicar como se sentiram nas duas últimas semanas, onde a escala de avaliação vai de 0 “Nada” e 10 “Extremamente”. Ainda, é explorado também como atualmente a criança/adolescente se sente comparativamente com o melhor e o pior momento da sua vida, numa escala do tipo diferenciador semântico, que varia entre -5 “Sinto-me tão mal quanto me senti no pior momento da minha vida” e +5 “Sinto-me tão bem quanto me senti no melhor momento da minha vida”.

Para efeitos de análise de dados, foram criados índices para cada uma das dimensões supracitadas, sendo que, para o seu cálculo, foi feita uma análise de consistência interna, considerando apenas os itens que são comuns aos três ciclos de estudo. Descrevemos de seguida cada um dos índices.

Bem-estar familiar. O mesmo é composto por cinco itens (ex., “Eu sinto-me seguro(a) em casa”, “Eu tenho um lugar tranquilo para estudar em casa”, “Os meus pais (ou as pessoas que cuidam de mim) ouvem-me e têm em conta o que eu digo”) e apresenta uma consistência interna satisfatória ($\alpha=.687$). (Maroco & Garcia-Marques, 2006)

Bem-estar material. Foram considerados cinco itens para avaliar esta dimensão (ex., “Roupas em boas condições para ir à escola”, “Acesso a um computador em casa, “Acesso à internet”) sendo que os mesmos apresentam uma consistência interna moderada ($\alpha=.572$).

Relações interpessoais. Tendo em conta que apenas dois itens (“Os meus amigos são normalmente simpáticos comigo” e “Eu tenho amigos suficientes”) foram usados para calcular este índice, foi efetuada uma correlação de Pearson, através da qual se verificou uma correlação positiva de baixa intensidade ou moderada ($\alpha=.553$).

Segurança e satisfação com a zona de residência. Para este índice foram usados dois itens (“Na zona onde moro/na minha vizinhança há lugares suficientes para eu brincar ou me divertir” e “Eu sinto-me seguro(a) quando caminho na zona onde moro/na minha vizinhança”), sendo a sua correlação de Pearson positiva de intensidade baixa ($\alpha=.352$).

Bem-estar em contexto escolar. Nesta dimensão, são foram construídos dois índices. Um primeiro composto por quatro itens (“O(s) meu(s) professor(es) ou professora(s) ouve(m)-me e têm em conta o que eu digo”, “Eu gosto de ir à escola”, “O(s) meu(s) professor(es) ou professora(s) trata(m)-me de forma justa” e “Eu sinto-me seguro(a) na escola) apresentam uma consistência interna muito forte ($\alpha=.824$) para trabalhar com as restantes. Contudo, ainda dentro da dimensão, construiu-se um segundo índice composto por dois itens de variáveis de exclusão vivenciada ou não em contexto escolar (“Outras crianças da tua escola te bateram?” e “Outras crianças da tua turma te deixaram de parte (por exemplo, nas brincadeiras)) que apresentaram uma consistência interna de média intensidade ($\alpha=.547$).

Verificando-se que as relações presentes nestes itens são moderadas a muito fortes, todos os índices acima mencionados entrarão na análise de dados que será explicitada na secção Resultados.

2.4. Procedimento

Num primeiro momento foram contactadas algumas escolas da área metropolitana de Lisboa. Após esse primeiro contacto foi elaborado um consentimento informado seguindo os *guidelines* do projeto internacional (*The ethical framework of the Children’s Worlds Survey*) dirigido às escolas, no qual era explicitado os objetivos do projeto, questões relativas à proteção, confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos, liberdade de, quer escolas quer

alunos, declinarem a participação no estudo e fornecidos os contactos necessários para o caso de surgirem dúvidas aquando do mesmo. Foi também indicado, a todas as escolas que participaram, a possibilidade de os dados recolhidos nas mesmas poderem, ou não, fazer parte da amostra total recolhida a nível nacional, uma vez que para este efeito se procederá a uma amostragem aleatória e representativa das crianças e adolescentes de Portugal continental. As escolas, e na pessoa dos diretores, assumiram a gestão dos pedidos de consentimento de participação no estudo.

A aplicação dos questionários foi efetuada pela orientanda e pela orientadora, em contexto de sala de aula, tendo uma duração média de aplicação de 45 minutos.

Antes de realizar a aplicação dos questionários, as investigadoras procuraram explicitar, novamente os, objetivos do estudo e a importância de obter a sua opinião, bem como todos os outros elementos constantes do consentimento.

Após a aplicação dos questionários, os dados dos mesmos foram introduzidos numa base de dados do *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) 19.

III. Resultados

Os dados seguidamente apresentados foram obtidos e tratados através do programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS, versão 19.0). Tendo em conta a distribuição de participantes por ano escolar não ser equivalente, havendo um número mais reduzido de crianças de 1º ciclo, nas análises univariadas efetuadas para cada dimensão de bem-estar considerada, foram introduzidos dois fatores de cada vez, e não os três que fazem parte dos objetivos (etnia, ano escolar e sexo), ou seja, não foi possível verificar a existência de efeitos triplos, mas apenas de efeitos principais e de interação (entre dois fatores). De seguida serão apenas descritos os efeitos estatisticamente significativos.

3.1. Determinantes do bem-estar familiar: o papel do ano escolar, do sexo e da etnia

Para se poder determinar a influência do ano escolar e da etnia no bem-estar relativo à família, foram feitas duas análises univariadas, 3 X 2, ou seja, colocando como fatores o ano escolar (3º vs. 5º vs. 7º) e a etnia (branco vs. negro), e o ano escolar e o sexo (feminino vs. masculino), e uma análise univariada 2 X 2, ou seja, sexo e etnia. Serão apresentados apenas os efeitos principais e de interação significativos ou parcialmente significativos. Em todas as análises efetuadas, a variável dependente introduzida foi o índice de bem-estar familiar.

As análises estatísticas efetuadas permitiram verificar um efeito principal do ano escolar $F(2, 296) = 7.31, p < .01, \eta_p^2 = .05$. Os testes de comparações múltiplas (ex., Tukey) mostram que são as crianças mais novas, i.e., as que frequentam o 1.º ciclo, as que referem, comparativamente com as de 2º e 3º ciclo – para as quais não há diferenças ($p > .05$), menor perceção de bem-estar neste domínio ($M_{1^\circ\text{ciclo}} = 4.93, DP = .879; M_{2^\circ\text{ciclo}} = 5.40, DP = .727; M_{3^\circ\text{ciclo}} = 5.33, DP = .766$). Verificou-se, ainda um efeito principal da etnia, ($F(1, 296) = 11.34, p < .01, \eta_p^2 = .37$), sendo que são as crianças brancas as que expressam maior bem-estar neste domínio ($M_{\text{brancas}} = 5.38, DP = .718; M_{\text{negras}} = 5.06, DP = .899$).

Em síntese, as análises estatísticas efetuadas permitem constatar que a perceção de bem-estar familiar varia sobretudo em função da etnia e em função do ano escolar.

3.2. Determinantes do bem-estar material: o papel do ano escolar, do sexo e da etnia

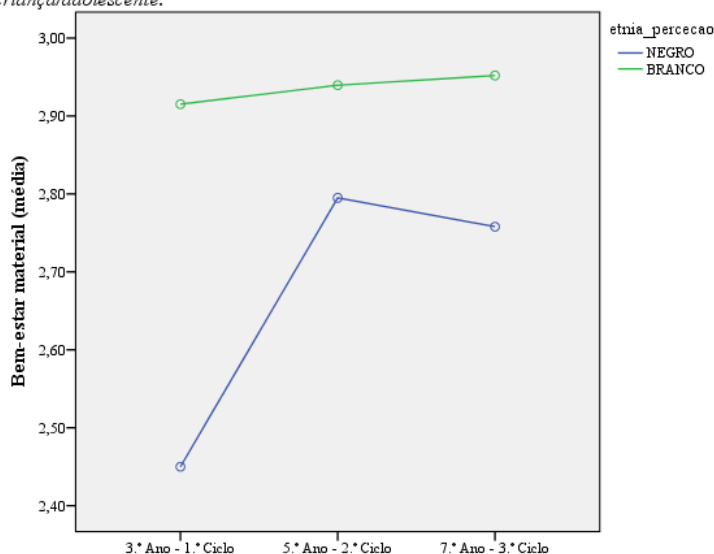
Os procedimentos estatísticos efetuados foram iguais aos da análise do ponto anterior, fazendo-se apenas variar a variável dependente, que neste caso foi o índice de bem-estar material. Nesta dimensão, verificou-se um efeito principal do ano escolar em que novamente as crianças que frequentam o 3º ano de escolaridade percecionam menor bem-estar nesta

dimensão quando comparadas com as crianças dos outros dois anos de escolaridade ($M_{1^{\circ}\text{ciclo}} = 2,76$, $DP = .346$; $M_{2^{\circ}\text{ciclo}} = 2,893$, $DP = .261$; $M_{3^{\circ}\text{ciclo}} = 2,91$, $DP = .253$).

Por outro lado, verificou-se também um efeito principal da etnia no sentido em que são as crianças negras as que percebem menor bem-estar material quando comparadas com as crianças ditas brancas ($M_{\text{brancas}} = 2,94$, $DP = .186$; $M_{\text{negras}} = 2,72$, $DP = .390$).

Por último, nesta dimensão verifica-se também um efeito de interação ano escolar X etnia, onde os testes de comparações múltiplas permitem constatar que são as crianças negras e de 3.º ano aqueles que expressam menor bem-estar neste domínio ($F(1, 296) = 6,503$, $p < .01$, $\eta_p^2 = .042$) (Ver Figura 3.2.1).

Figura 3.2.1: Perceção da distribuição média dos bens materiais segundo sexo e etnia da criança/adolescente.

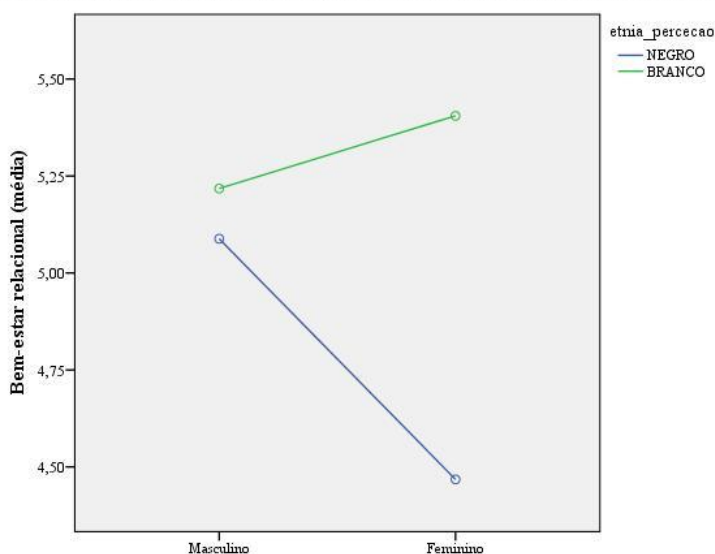


3.3. Determinantes do bem-estar relacional

Relativamente ao bem-estar relacional, verificou-se que a etnia tem um efeito principal nesta dimensão, $F(1, 297) = 15,887$, $p = .00$, $\eta_p^2 = .051$, verificando-se que são as crianças negras as que apresentam, novamente, menores níveis de bem-estar relacional quando comparados com as crianças brancas ($M_{\text{negras}} = 4,85$, $DP = 1,17$; $M_{\text{brancas}} = 5,30$, $DP = .96$).

Verificou-se ainda um efeito de interação estatisticamente significativo entre sexo X etnia, $F(2, 295) = 9,11$, $p < .01$, $\eta_p^2 = .030$, que mostra que são sobretudo as meninas negras ($M_{\text{raparigas negras}} = 4,47$, $DP = 1,26$; $M_{\text{raparigas brancas}} = 5,41$, $DP = .88$) que percebem menor bem-estar neste domínio ($M_{\text{rapazes negros}} = 5,09$, $DP = 1,05$; $M_{\text{rapazes brancos}} = 5,21$, $DP = 1,01$) (Ver Figura 3.3.1 na página seguinte).

Figura 3.3.1: Distribuição média da percepção de bem-estar relacional por rapazes e raparigas.



3.4. Segurança e satisfação com a zona de residência

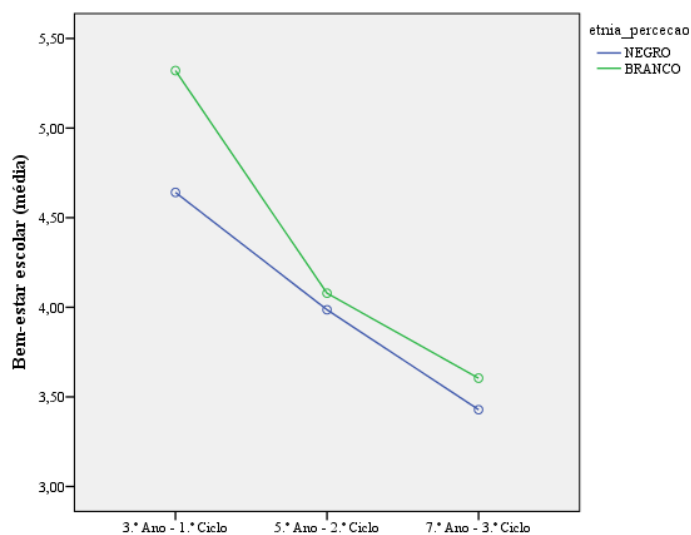
Quando confrontados com questões sobre a sua zona de residência, avaliando se esta apresenta lugares suficientes para brincarem e se consideram que esta é segura ou não, verificou-se que existe um efeito principal da etnia [$F(1,299) = 16.974, p=.000$] sobre esta variável, verificando-se que as crianças de etnia branca percecionam a sua zona de residência como mais segura e com lugares suficientes para brincarem ($M_{brancas} = 5.11, DP = 1.12; M_{negras} = 4.56, DP = 1.39$). Por outro lado, verifica-se também um efeito de interação do sexo e etnia [$F(1,299) = 8.336, p<.005$] que mostra que são as meninas de etnia negra as que percecionam a zona onde residem como menos segura e com menos lugares para brincarem ($M_{raparigas\ negras} = 4.06, DP = 1.52; M_{raparigas\ brancas} = 5.17, DP = 1.07$). Contudo, é de ressaltar que embora se retirem estes dados, em termos gerais, as crianças e adolescentes, percecionam de forma bastante positiva, sendo que em termos médios, o mínimo dos resultados obtidos é de nível 4 “Concordo em parte”, numa escala de 1 “Não concordo” a 6 “Concordo totalmente”. Colocando como fatores as variáveis etnia e ano escolar, verifica-se um efeito de interação etnia X ano escolar [$F(2,293) = 3.652, p<.05$], que permite constatar que são as crianças de 5.º ano, de etnia branca, aquelas que melhor percecionam a sua zona de residência ($M_{rapazes\ brancos\ 5.º\ ano} = 5.21, DP = 1.10; M_{rapazes\ negros\ 5.º\ ano} = 5.05; DP = 1.11$).

3.5. Bem-estar em contexto escolar

Relativamente ao bem-estar em contexto escolar, foi efetuada uma análise que mostrou a existência de um efeito principal, apenas do ano escolar sobre esta variável [F

(2,287) = 34.455, $p=.000$]. Neste sentido, percebeu-se que quanto maior o ano escolar, menor é o grau de satisfação com a mesma, ou seja, as crianças do 3.º ano apresentam um maior nível de satisfação com a ida à escola e as relações e infraestruturas das mesmas ($M_{3.º\text{ ano}} = 5.12$, $DP = 1.089$) (Ver Gráfico 3), que as crianças/adolescentes que frequentam o 7.º ano de escolaridade ($M_{7.º\text{ ano}} = 3.532$, $DP = .960$).

Figura 3.5.1: Distribuição do bem-estar escolar em função da etnia e ano escolar da criança.



No que ao índice de exclusão vivenciada ou não em contexto escolar diz respeito, verificou-se um efeito principal do ano escolar [$F(2,293) = 16.336$, $p=.00$]. Testes de comparações múltiplas (Bonferroni) permitem constatar que são as crianças do 3.º ano ($M_{3.º\text{ ano}} = 5.12$, $DP = 1.09$) as que percebem maior nível de exclusão, quando comparadas com as de 5.º e 7.º, dado não haver diferenças estatisticamente significativas entre estas duas últimas.º ($M_{5.º\text{ ano}} = 4.04$, $DP = .82$; $M_{7.º\text{ ano}} = 3.53$, $DP = .96$) (Ver Figura 3.5.1).

IV. Discussão

O presente estudo tinha como objetivo geral avaliar o bem-estar subjetivo numa amostra de crianças e adolescentes a residir em Portugal, recorrendo a um instrumento desenvolvido pelo ISCWEB, sendo o primeiro estudo a ser realizado com este instrumento no contexto nacional.

Mais especificamente, e tendo em conta a revisão de literatura efetuada, o presente estudo tinha como objetivo perceber em que medida a perceção do bem-estar subjetivo das crianças e adolescentes difere em função da etnia, mas também em função do sexo e ano escolar. Neste sentido importa referir que o ano escolar foi considerado uma medida indireta de idade, pressupondo-se que quanto maior o nível escolar (i.e., 7º ano/3º ciclo) mais velhos são os participantes.

Para efeitos deste estudo, foram usados apenas os itens comuns aos três questionários, que foram desenvolvidos para os três anos escolares: 3.º, 5.º e 7.º anos, tendo sido construídos apenas os seguintes indicadores: bem-estar familiar, bem-estar material, bem-estar relacional, bem-estar com a zona de residência e bem-estar em contexto escolar e exclusão.

Este estudo permitiu verificar que as crianças, mesmo as mais novas conseguem pensar e discernir a sua vida e meio envolvente, conseguindo analisar de forma avaliativa os ambientes em que se encontra inserida (Huebner, 2004), o que vem também reforçar a perspetiva que a Convenção dos Direitos das Crianças visa transmitir à sociedade e decisores políticos (Bello, et al., 2013).

Em termos gerais, verificou-se que a etnia dos participantes (i.e. ser branco ou negro) teve um efeito em todas as dimensões do bem-estar, sendo que em, todas elas, são as crianças negras as que expressam menor perceção de bem-estar. Este resultado encontra-se em concordância com os estudos realizados por Moore (2008) e Bradshaw et al. (2011).

Já sobre a variável ano escolar (indicador indireto de idade) nem todos os resultados obtidos vão de encontro à literatura, nomeadamente aos estudos de Bradshaw et al (2011) e Fernandes (2013) que verificaram que à medida que a idade das crianças aumenta, diminui a perceção de bem-estar geral. No presente estudo, verificou-se, contudo, que, na dimensão do bem-estar familiar, são as crianças do 1.º ciclo as que percecionam de forma mais baixa este domínio, sendo que o mesmo ocorre também por exemplo, na perceção de bem-estar material. Estes resultados parecem ser mais complexos, dado o efeito principal do ano escolar ser qualificado pela variável etnia, por exemplo, na perceção de bem-estar material, verificando-se que são as crianças negras mais novas que expressam os valores mais baixos de bem-estar neste domínio. No sentido inverso, e para o bem-estar relacionado com a vizinhança, são as

crianças de 5.º ano, de etnia branca, aquelas que melhor percebem a sua zona de residência. Contudo, o único domínio do presente estudo a ir de encontro com a literatura é o de bem-estar em contexto escolar, onde se verificou que quanto maior o ano escolar (idade da criança) menor é a sua percepção de bem-estar neste contexto.

Alguns dos estudos da literatura, nomeadamente o *Report Card 7* da UNICEF, o de Gaspar e Matos (2008), Gaspar et al (2013) e Bello et al. (2013) consideram apenas a nacionalidade da criança enquanto variável de estudo, não incluindo a etnia das mesmas. Contudo, no presente estudo, verificou-se que a etnia da criança tem importância na realização de estudos no âmbito desta temática, porque as crianças negras apresentam, em termos gerais, um bem-estar mais baixo que as crianças brancas, nomeadamente nas suas percepções de bem-estar familiar, bem-estar material, bem-estar relacional e segurança e satisfação com a zona de residência, indo, em parte, de encontro com a literatura (Diener et al. 1995; Moore, et al., 2008; Bradshaw, et al., 2011). Como o papel da zona de residência não tem sido, contudo, explorado em função da etnia da criança, dever-se-á em futuros estudos mapear-se quer a etnia quer a nacionalidade da criança porque são dois aspetos distintos (Bradshaw et al., 2013). Todavia, a zona de residência revela-se como importante para o estudo do bem-estar das crianças e adolescentes, porque uma boa percepção da mesma permite que a criança se desenvolva de forma mais saudável, com um maior bem-estar geral (Bello et al. 2013).

Apesar de se tratar de uma amostra de conveniência e de não ter sido possível ter como participantes crianças de meios socioeconómicos heterogéneos, esta é uma questão que deverá ser tida em conta em estudos futuros. Por outro lado, seria também interessante perceber, em Portugal, a existência de diferenças entre o meio rural e o meio urbano, de modo a perceber-se como pensam as crianças do interior do país, bem como entre alunos de escolas do ensino público e privado, à luz do que foi feito por Fernandes et al. (2012).

Seria também relevante realizar estudos qualitativos de forma a conseguir-se aprofundar os sentimentos e pensamentos das crianças e adolescentes residentes em Portugal associados ao seu bem-estar subjetivo, dado estudos desta natureza serem escassos no nosso país (Freire, Zenhas, Tavares e Iglésias, 2013).

O bem-estar consiste então numa variável crucial para os decisores políticos de todos os países, pois a influência que tem na vida quotidiana repercute-se nas políticas públicas adotadas. Assim, o projeto internacional ISCWEB visa contribuir para o mapeamento desta realidade em diversos países, de modo a que a generalidade da população tenha acesso à informação sobre o que as suas crianças e adolescentes pensam da sua vida e bem-estar geral.

Bibliografia

- Bello, A., & Casas, F. (2013). *Children's well-being from their own point of view: What affects the children's well-being in the first year of compulsory secondary education in Spain?* Madrid: UNICEF Spain.
- Bradshaw, J., Keung, A., Rees, G., & Goswami, H. (2011). Children's Subjective Well-Being: International comparative perspectives. *Children and Youth Services Review*, 548 - 556.
- Bradshaw, J., Martorano, B., Natali, L., & Neubourg, C. d. (2013). *Children's Subjective Well-being in Rich Countries*. Florença: UNICEF.
- Brofenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development*. Harvard: Harvard University Press.
- Cummins, R. A., & Lau, A. L. (2005). *Personal Well-Being Index - School Children (PWI-SC)*. Melbourne: School of Psychology Deakin University.
- Currie, C., & et al. (2012). *Health Behaviour in School-Aged Children (HBSC) Study: International Report from the 2009/2010 Survey*. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe.
- Diener, E. (1985). Subjective Well-Being. *Psychological Bulletin*, 542 - 575.
- Diener, E., & Diener, M. (1995). Cross-cultural correlates of life satisfaction and self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 653 - 663.
- Diener, E., Lucas, R. E., & Oishi, S. (2000). Subjective Well-Being: The Science of Happiness and Life Satisfaction. In C. R. Snyder, & S. J. Lopez, *Handbook of Positive Psychology* (pp. 63 - 73). Oxford: Oxford University Press.
- Diener, E., Sapyta, J. J., & Suh, E. (1998). Subjective Well-Being Is Essential to Well-Being. *Psychological Inquiry: An International Journal for the Advancement of Psychological Theory*, 33 - 37.
- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective Well-Being: Three Decades of Progress. *Psychological Bulletin*, 276-302.
- Dinisman, T., Montserrat, C., & Casas, F. (2012). The subjective well-being of Spanish adolescents: Variations according to different living arrangements. *Children Youth Services Review*, 2374 - 2380.
- Fernandes, L., Mendes, A., & Teixeira, A. (2012). A Review Essay on the Measurement of the Child Well-Being. *Social Indicators Research*, 239 - 257.

- Fernandes, L., Mendes, A., & Teixeira, A. (2013). Assessing child well-being through a new multidimensional child-based weighting scheme index: An empirical estimation for Portugal. *The Journal of Socio-Economics*, 155 - 174.
- Freire, T., Zenhas, F., Tavares, D., & Iglésias, C. (2013). Felicidade Hedónica e Eudaimónica: Um estudo com adolescentes portugueses. *Análise Psicológica*.
- Galinha, I., & Ribeiro, J. L. (2005). História e evolução do conceito de bem-estar subjectivo. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 203 - 214.
- Gaspar, T., & Matos, M. G. (2008). *Qualidade de Vida em Crianças e Adolescentes: Versão Portuguesa dos Instrumentos Kidscreen-52*. Cruz Quebrada: Aventura Social e Saúde.
- Gaspar, T., Ribeiro, J. P., Matos, M. G., Leal, I., & Ferreira, A. (2012). Health-Related Quality of Life in Children and Adolescents: Subjective Well-Being. *The Spanish Journal of Psychology*, 177 - 186.
- Hofstede, G. (2011). Dimensionalizing Cultures: The Hofstede Model in Context. . *Online Readings in Psychology and Culture*, 3-26.
- Huebner, E. S. (2004). Research on Assessment of Life Satisfaction of Children and Adolescents. *Social Indicators*, 3 - 33.
- Lucas, R. E., Diener, E., & Suh, E. (1996). Discriminant Validity of Well-Being Measures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 616 - 628.
- Machado, W. d., & Bandeira, D. R. (2012). Bem-estar psicológico: definição, avaliação e principais relatos. *Estudos de Psicologia*, 587-595.
- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do Alpha de Chronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 65-90.
- Moore, K. A., Theokas, C., Lippman, L., Bloch, M., Vandivere, S., & O'Hare, W. (2008). A Microdata Child Well-Being Index: Conceptualization, Creation, and Findings. *Child Indicators Research*, 17 - 50.
- Novo, R. F. (2003). *Para além da eudaimonia – O Bem-Estar Psicológico em mulheres na idade adulta avançada*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Pople, L., Raws, P., Mueller, D., Mahony, S., Rees, G., Bradshaw, J., . . . Keung, A. (2014). *The Good Childhood Report 2014*. The Children's Society.
- Royo, M. G., & Velazco, J. (2005). Exploring the relationship between happiness, objective and subjective well-being: Evidence from rural Thailand. *Capabilities and Happiness Conference*, (pp. 1-39).

- SEF/Gabinete de Estudos, P. e. (2012). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo*. Oeiras: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
- SEF/Gabinete de Estudos, P. e. (2013). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo*. Oeiras: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
- Society, T. C. (2014). *The Good Childhood Report 2014*. The Children's Society.
- Statham, J., & Chaise, E. (2010). Childhood well-being: a brief review. *Childhood Wellbeing Research Centre*.
- Stevenson, B., & Wolfers, J. (2013). Subjective Well-Being and Income: Is There Any Evidence of Satiation? *American Economic Review, Papers and Proceedings*, 1-24.
- UNICEF. (1990). *A Convenção sobre os Direitos da Criança*. Florença: UNICEF: Innocenti Research Centre.
- UNICEF. (2007). *Report Card 7: Child poverty in perspective: An overview of child well-being in rich countries – A comprehensive assessment of the lives and well-being of children and adolescents in the economically advanced nations*. Florença: UNICEF: Innocenti Research Centre.